

DISTOPIAS CONTEMPORÂNEAS, FAKENEWS E UMA OFICINA PARA UM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Angel Loss Dossa ¹
Isadora Machado da Silva ²
Cláudia Bechara Frohlich ³

RESUMO

O trabalho objetiva apresentar a elaboração, a execução e os efeitos de uma oficina pedagógica na formação docente inicial acerca do combate a desinformação. Num mundo que sofre diariamente o bombardeio das fakenews, verificamos que notícias falsas têm sido fabricadas visando causar desequilíbrio, controle, fraqueza social e pânico moral. No contexto deste estudo, a extensão universitária *Isso Existe: Histórias de Educação!* tem trabalhado para abordar a temática em uma tentativa de tomada de consciência coletiva de alunos licenciandos de diversos cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por meio da Oficina Educação para fakenews: crise de linguagem. A oficina é executada a partir das obras distópicas e de controle midiático *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e 1984, de George Orwell. Enquanto Huxley trabalha o controle social e a manipulação pela felicidade e estabilidade, em Orwell tem-se o controle pelo medo, ódio e pelo duplipensar. Diante destas leituras, solicitamos aos alunos a elaboração de fakenews, sublinhando a trajetória sobre o processo dessa criação, optando pela produção de notícias baseadas na felicidade ou no medo. Materiais gráficos e revistas, em 3 horas de oficina, são utilizados no processo, que finda com a apresentação das criações dos estudantes e debate. Em seguida de cada oficina, a equipe de extensão faz a avaliação coletiva, registra em Diário de Borda o modo como aconteceu e o debate realizado pelos estudantes e pela equipe. Os registros e as reuniões semanais colaboram para os reajustes constantes da própria oficina, e são bússolas de leitura sobre os efeitos que tem gerado. Desde 2022, e sob a égide da pesquisa psicanalítica, temos verificado a pertinência desta oficina para incentivar a criação, pensamento crítico e um modo instigante de convidar o debate contemporâneo das fakenews; elementos indispensáveis para o repertório de futuros professores.

Palavras-chave: Desinformação, Formação de professores, Crise de linguagem, Humanização.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um país que se diz polarizado, dividido entre lados opostos na arena política. A polarização, temos visto de modo muito evidente nos últimos anos, é uma arma política que intenta desestabilizar e controlar as massas. Vimos isso acontecer em 2016, com o

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- RS, angeldossa@outlook.com;

² Graduanda do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- RS, isavm9@gmail.com;

³ Professora orientadora: doutora em Educação pela Faculdade de Educação/UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, claudiafrohlich@hotmail.com.



golpe⁴ que causou o Impeachment da presidente Dilma e, desde então, temos sofrido com a intensificação da discursividade inerente a esses polos. Por parte, este adensamento da polarização teve aumento causado pela facilidade de acesso às redes sociais como o Facebook, o WhatsApp e o Instagram, que são centros de disseminação veloz de informação. Sabe-se, também, que a informação -gerada e veiculada por essas plataformas - não precisa ser embasada necessariamente em notícias reais, e o Estado é lento para legislar. Assim, as *fakenews*, como as conhecemos hoje, que intenta manipular, deturpar, alterar, rasurar a realidade e a história do país por meio de mecanismos de distorção da língua (MILMANN, 2023), constituem um dos maiores problemas a serem enfrentados em todas as esferas do país.

As palavras possuem poder. E seu efeito depende do uso social que se faz da palavra, seu contexto, acompanhada ou não de um gesto, inserida em determinados grupos sociais-políticos. A palavra em si, vai muito além daquele significado que damos a coisas ou que está dicionarizada. Percebemos como uma palavra pode mudar de significado dependendo de quem a usa, como usa, em que contexto, e em que meio. Por exemplo, o uso da palavra ‘viado’. Ela é considerada pejorativa e um termo agressivo se é trazida em meio a grupos heterossexuais e cisgêneros. Entretanto, há um movimento de ressignificação da palavra para a comunidade queer em que o termo ‘viado’ é usado para representar seus participantes. Neste sentido, nenhuma palavra tem somente um significado, ou melhor, todas as palavras têm infinitos significados, a depender dos sentidos que conferimos. A palavra, mesmo sendo polissêmica, também produz ação, instiga sentimentos, cria realidades, marca como tatuagem simbólica os corpos das pessoas. A comunicação é um comportamento basal de uma espécie social como a nossa, por isso não é possível falar sobre *fakenews* sem passar por uma análise sobre o poder que a palavra pode exercer.

Historicamente, em regimes autoritários, notamos uma grande manipulação das palavras como ferramenta de controle das massas. É a partir da linguagem – e das narrativas que se armam ao nosso redor – que se forma pensamento, e esse pensamento é que nos torna indivíduos críticos (ou não) da sociedade. Em um Estado desequilibrado beirando ao totalitarismo, o poder da palavra é usado contra o povo, através de uma manipulação e de repetição de uma “verdade conveniente”, como acompanhamos acontecer na Alemanha durante a ascensão do nazismo. De acordo com Klemperer, “o nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas por

⁴ Nomearemos o que ocorreu em 2016 como *golpe*, uma vez que o objetivo da coalizão que derrubou o governo Dilma não era apenas trocar a presidente ou o partido do governo, mas mudar o regime político brasileiro a partir de um processo que não envolvia a direta manifestação da população.



repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconsciente e mecanicamente” (2009, p. 14). Assim, uma simples frase pode ser subvertida rapidamente de sua intenção original, desenrolando em algo agressivo, por vezes de maneira proposital. Não é à toa que a esquerda brasileira se encontra constantemente sendo posta como sinônimo de corrupta, preguiçosa, bandida etc., em postagens, em redes sociais, fabricadas pela direita com objetivo de deslegitimar visões políticas que não as suas próprias. Desse modo, o espaço escolar também está atravessado por linguagens que têm poder de legitimar ou deslegitimar algo e precisa se atentar ao uso da palavra, da língua, para ajudar estudantes a desenvolverem pensamento crítico e, assim, detectarem controles totalitários.

É no contexto das discussões acima referidas, sobre o adensamento de uma crise de linguagem no país, cujo determinados usos das palavras conformam subjetividades e podem entrar em disputa narrativa, que minha travessia de docente inicial se cruza a de um grupo de pesquisa e extensão. Assim, situado o/a leitora, neste artigo trarei minha experiência ao entrar no Núcleo de Pesquisa em Educação, Psicanálise e Cultura eixo dois (Nuppec_eixo 2) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao participar da extensão a ela associada, o *Isso Existe, Isso é grande, Isso não começou agora: histórias de educação!*. É neste espaço formativo na universidade que tenho vivenciado um *fazer* em companhia ao mesmo tempo que tenho colaborado para atentar para o mundo das palavras, seus usos, suas sutilidades. Neste grupo, desde 2022, a extensão movimenta – na modalidade oficina – temáticas que a pesquisa *Crise de linguagem e ensino como ato poético* evidencia e, assim, trata de diversas questões importantes no campo da Psicologia da Educação junto à licenciandos da UFRGS. O formato de oficinas se justifica por incentivar uma menor hierarquização professor-aluno, e dispõe de ferramentas educativas inusitadas, divergentes de uma aula tradicional. Busca-se proporcionar um espaço-tempo de oficina em que os/as estudantes possam ser tocados por uma experiência, a qual Larrosa (2002) destaca como sendo aquilo que atravessa o sujeito e produz sentidos. Ou seja, para as oficinas que trabalhamos, há descentralização da importância da assimilação de um conteúdo em relação aos afetos construídos e as interpretações de cada indivíduo sobre o momento vivido. Essas oficinas têm como principal foco movimentar o pensamento de professores em formação.

O grupo de extensão, atualmente, conta com um leque de oficinas com diversas temáticas em que se objetiva a costura da psicanálise com a educação, alinhavada pela experiência. Contudo, neste texto irei apresentar a oficina que passei a coordenar desde minha inserção no grupo, em parceria com a supervisão. Trata-se da narrativa de experiência da



Oficina Educação para fakenews: crise de linguagem, o modo como ela vinha sendo desenvolvida e o deslocamento de seus elementos para abarcar outros pontos de vista sobre a língua a partir dos resultados preliminares vivenciados. É uma escrita que irá bascular entre o *eu* e o *nós*, justamente porque é a trajetória do tornar-se docente junto a um grupo que trabalha muito junto e mantém encontros semanais de discussão sobre cada passo do projeto, respeitando os referenciais teóricos advindos de diferentes campos do conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

O contexto da sociedade em rede conferiu novo significado à antiga gramática de disseminar intencionalmente notícias fraudulentas. Durante a última década, vemos emergir mundialmente uma nova maneira de difundir desinformação proveniente dos novos meios de comunicação. Com o avanço das mídias sociais e de redes de conexões, antes impensáveis, houve, concomitantemente, o adensamento de uma frente de notícias caluniosas. As *fakenews* são informações publicadas com a intenção de enganar e/ou prejudicar indivíduos, coletivos, organizações e instituições com o objetivo de auferir ganhos econômicos e/ou políticos (SANTAELLA, 2020), utilizando-se, muitas vezes do pânico moral⁵. A consequência dessas notícias fraudulentas é a desinformação e a verdade torna-se efêmera, frágil e vulnerável às manipulações e falsificações. Em tempos de pós-verdade (Dunker, 2017), não se trata de pedir ao interlocutor que recebe mensagens amplamente massificadas que acredite em premissas extraordinárias ou contraintuitivas, mas sim de explorar preconceitos que o destinatário já cultiva e que, gradualmente, o leva a confirmar conclusões tendenciosas. A pós-verdade transfere a autoridade da ciência ou do jornalismo sério para a produção de opiniões criando certos efeitos.

Notícias falsas, que resultam em desinformação, não são novas em nossa sociedade. Em 1922, foram publicadas no jornal carioca *Correio da Manhã* cartas falsas ditas escritas pelo então presidente do Brasil, Arthur Bernardes, difamando o exército brasileiro e o então senador Nilo Peçanha (WESTIN, 1922). Entretanto, casos como esse eram bem menos frequentes, e mesmo tendo uma grande repercussão, não havia o impacto em rede que

⁵ O pânico moral é um fenômeno descrito, desde a década de 1970, como um mecanismo de controle que também incidia sobre a linguagem. Ao imprimir o medo, é usado para fazer frente a alguma transformação social, na maioria das vezes repentina e, por isso, considerada ameaçadora aos princípios de estabilidade do *status quo*. O medo cria efeito e forja a necessidade de controle/policiamento moral visando uma sociedade de lei e ordem.



podemos ver atualmente. Os usuários de redes sociais como o Facebook (FRAXANET, 2025) e X (antigo Twitter) (LANGIN, 2018) são responsáveis por espalhar desinformações diariamente, com um alcance mundial em sua disseminação. Com o crescimento do uso da Inteligência Artificial (IA) a criação de *fakenews* está mais rápida e fácil do que nunca (KUMAR, 2025). A hiperconexão produzida pela revolução técnico-científica aumenta exponencialmente os processos de socialização (BREY, 2010), e isso dá possibilidade à grande massificação de notícias falsas, visto que qualquer pessoa comum tem acesso a ferramentas poderosas de comunicação abrangente, que são as redes sociais. A educação por si só já se encontra imersa nessa nova era, não sendo possível pensá-la desconectada da tecnologia (NÓVOA, 2022).

De acordo com Kahan (2023) pessoas com uma visão política formada tendem a acreditar em notícias que vão de acordo com seu viés antes de checar a confiabilidade da informação. Ou seja, a lealdade política de um indivíduo está acima da veracidade da notícia recebida. Este fato constitui-se em uma das ferramentas utilizadas por grupos políticos que querem desestabilizar um grupo adversário, estragar a imagem pública de um indivíduo, ou criar rupturas entre a população. E por que essa busca por lealdade? Porque é a classe-média que possui um destaque econômico e político que consegue influenciar os rumos dos demais grupos sociais (FERREIRA, 2014). Um exemplo claro aconteceu em 25 de agosto de 2018, poucos meses antes das eleições presidenciais, quando um vídeo, na rede social Facebook, viralizou com a apresentação de mamadeiras com o bico em formato de pênis humano; a mamadeira de piroca. A legenda do vídeo afirma que Fernando Haddad, candidato à presidência pelo Partido dos Trabalhadores, estaria levando estas mamadeiras para creches em todo o Brasil, e, se fosse eleito, fariam delas uso obrigatório para acabar com a homofobia no país. Com esse exemplo, podemos dizer, com Larrosa (2002), que, as palavras fabricam sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação.

A oficina sobre *fakenews* tem um papel importante na educação para instigar os/as estudantes a pensarem criticamente sobre impasses da vida contemporânea. Urge a necessidade de criar uma educação crítica, que demande uma auto-reflexão, não apenas do conteúdo que se quer transmitir, mas também pessoal, no âmbito do ser, para que se construa uma posição docente comprometida com as próximas gerações. Da mesma forma que estudamos história para não esquecermos da brutalidade do passado, devemos compreender o presente para sermos capazes de criticá-lo e não deixarmos se recriar a história em sua barbárie. De acordo com Adorno (1974), em seu texto *Educação após Auschwitz*:



A educação só teria pleno sentido como educação para a auto-reflexão crítica. Dado todavia que, como mostra a psicologia profunda, os caracteres em geral, mesmo os que no decorrer da existência chegam a perpetrar os crimes, já se formam na primeira infância, uma educação que queira evitar a reincidência haverá de concentrar-se na primeira infância. (Adorno, 1974, p 2)

Muitos anos depois de Adorno, é ainda imprescindível sublinhar, com Nóvoa (2022), a seguinte frase: “Se as catástrofes históricas, como o Holocausto e a Primeira Guerra Mundial, tornam os sujeitos emudecidos e empobrecidos de experiências, também a vida cotidiana das cidades aceleradas é um campo de impossibilidade da experiência.” (p 38) É por esse motivo que se tornam essenciais espaços onde compartilhamos tempo para trocas de experiência. A oficina funciona como uma ponte entre a vida acelerada e um ambiente onde o tempo transcorre na velocidade necessária para que o sujeito emergja em seu desenvolvimento individual.

METODOLOGIA

A oficina começa com um vídeo sobre a rádio-novela baseada no livro *Guerra dos Mundos* de Orson Welles (1898), que em 1938 causou um evento trágico nos Estados Unidos. Ao atuar o texto como se os Estados Unidos estivessem sendo invadido por alienígenas, muitos dos ouvintes, que escutaram apenas um trecho da transmissão, acreditaram que o mundo estava sendo realmente invadido, o que causou uma onda de pânico pelo país. Isso, como dizemos após assistirmos esse vídeo, é um exemplo de *fakenews*. A palavra tem poder, e quem a comanda, ainda mais. Convidamos os opinantes a pensarem nas seguintes questões: Quem duvidaria da veracidade de certos acontecimentos se eles estão sendo relatados pelo rádio? Por que eu não acreditaria em tudo que está sendo dito, se o papel do rádio é dizer a verdade? Mas, afinal, o que é verdade? Se eu estou no comando, e eu tenho a palavra, o que eu digo agora é verdade.

Em seguida, na oficina, é passado para os alunos um pequeno resumo do que ocorre no livro *1984* de George Orwell. A pergunta guiadora de 1984 é essa: posso controlar uma população a partir do ódio? A resposta que Orwell encontrou é positiva. Há a criação de uma nova forma de comunicação, a *novafala*, em que palavras são diminuídas de tamanho e seus significados são simplificados para indivíduos não conseguirem desenvolver pensamentos



complexos. Além disso, existe a ideia de *duplipensamento*⁶, o qual reforça ideias contraditórias como sendo sinônimas, como a frase “Guerra é paz”. Para os fins desta oficina, focamos somente no trabalho do personagem principal, no Ministério da Verdade. É nesse setor que as notícias são criadas, a educação é pensada e as artes são aceitas ou recusadas para publicação. É nesse ministério que a verdade é moldada não como ela é, mas como ela precisa ser para o controle das massas existir. “Assustar para dar medo” é a forma de controle que os trabalhadores do Ministério da Verdade são motivados a criar.

Após apresentado a narrativa de 1984, convidamos os alunos a se reunirem em pequenos grupos. E solicitamos que imaginem que são trabalhadores do Ministério da Verdade, a serviço do partido do Grande Irmão, e são responsáveis por criar uma notícia como ferramenta de controle do Estado. Baseado em Matrix (filme/franquia), oferecemos uma pílula azul e uma vermelha; a depender da escolha, os grupos escrevem notícias de acordo com o que o Ministério da Verdade (*fakenews*) deseja, elaborando uma notícia que tem como pretensão única o controle das mentes (azul), ou escrevem de modo a subverter esse papel e agir de acordo com a resistência à esse governo autoritário, produzindo uma notícia que ousasse contradizer o que estava sendo explicitamente dito (vermelho), de maneira escamoteada, demonstrando o esforço do Grande Irmão de impor os interesses do governo à população. Materiais gráficos e revistas são disponibilizados para a produção dessa notícia, sendo o trabalho final uma colagem com esses materiais de apoio. A oficina pede a busca ativa dos alunos em revistas para o recorte de material para instigar o uso pessoal de criatividade, num gesto de aprender com as mãos (LARROSA, 2018). Os grupos possuem em torno de duas horas para concluir suas criações de *fakenews* e, após terminadas, apresentar suas notícias ao restante da turma de forma teatral.

Esta oficina se realizou diversas vezes desde 2022 até 2025 e, a cada vez a equipe de extensão fazia seus registros em Diários de Borda num pequeno caderno de anotações de campo. A retomada desses registros é sempre feita em seguida da realização de uma oficina, quando outra camada de anotações se faz, a partir da discussão no *Isso Existe*. Revisitar as diversas camadas de anotações e imagens que compõe o Diário de Borda colaborou na escrita deste

artigo.

⁶ “Duplipensar é o ato de aceitar simultaneamente duas crenças mutuamente contraditórias como corretas, muitas vezes em contextos sociais distintos. Duplipensar é notável pela dissonância cognitiva, ou seja, o sujeito não tem ciência alguma da contradição entre suas crenças.” – wikipédia



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao participar da oficina em 2025 como convidado na turma em que ela estava acontecendo, eu e meu grupo escolhemos a pílula azul e criamos uma *fakenews* que estava de acordo com o controle que o Estado pedia. Inventamos uma notícia que dizia que o curso de Ciências Sociais da UFRGS criava “vagabundo”, mostrando estatisticamente a “verdade” dessa afirmação. Ao apresentar para a turma, o restante dos participantes era responsável por adivinhar se tínhamos escolhido a pílula azul ou a vermelha. Todos concluíram que tínhamos escolhido a azul. Além do meu grupo, somente um outro grupo se aventurou a escolher a pílula azul, os demais grupos optaram por subverter a notícia (pílula vermelha). Discutimos em grupo como foi a experiência desta oficina para todos e ouvimos os relatos dos alunos. Pensei: “que oficina potente!” Entretanto, saí dessa experiência com uma pulga atrás da orelha. Havia recém lido o livro *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (1932), e sua narrativa estava ainda fresca. Sentia que precisava fazer alguma coisa com essa história, e sentia que poderia estar relacionada a 1984. Em nossa reunião semanal da extensão, fizemos a avaliação coletiva da oficina e registramos em nossos Diários de Borda os acontecimentos e os debates dos estudantes e da equipe. Me empolguei e articulei o meu desejo de fazer algumas mudanças na oficina que fossem trazer um nexos maior as etapas. Ao unir minha leitura de Huxley à temática da oficina, houve uma abertura de possibilidades e maneiras de navegar essa oficina em suas edições seguintes.

As mudanças realizadas para a nova edição da oficina de *fakenews* são pontuais, e aqui trataremos delas. Pedimos em antemão aos alunos lerem as páginas 49 a 60 de 1984 e *Admirável Mundo Novo: uma análise comparativa*, trabalho de conclusão de curso de Vanessa Vieira Mombach. Já em sala de aula, cria-se um espaço de comparação entre as obras 1984 e *Admirável Mundo Novo* durante o momento prévio à criação das notícias. O livro *Admirável Mundo Novo* faz uma pergunta parecida, entretanto completamente oposta a 1984: é possível controlar uma população através do prazer? Huxley afirma ao longo do romance que sim. Parecido com 1984, entramos em contato com o papel do controle de mídias a partir da escola de “Engenharia Emocional”, onde a verdade também é moldada e a cultura é criada de forma sintética para apaziguar os pensamentos humanos. Além disso, comparamos o controle linguístico entre as duas obras. Como comentado anteriormente, em 1984 o controle se dá pelo encurtamento de palavras complexas com a criação da *novafala*, já em *Admirável Mundo Novo* o controle linguístico se dá por deleção de todos os sentimentos humanos exceto



a felicidade. Assim, o indivíduo não sabe expressar aquilo que não conhece, só sabe dizer de forma binária quando está feliz, ou quando necessita ficar feliz, e, como em 1984, bloqueando a possibilidade do indivíduo de ter formas mais complexas de se expressar.

Os dois romances são distopias totalitárias que usam da verdade para controlar suas populações. Entretanto enquanto uma obra usa o ódio e o medo, a outra usa a felicidade e o prazer como operadores de manipulação da língua. Os dois universos distópicos são auto sustentados pelo Estado e não apresentam formas de quebrá-los facilmente, como vimos ao decorrer das duas obras, embora ambos estados totalitários sejam frágeis no momento em que a sua população toma controle próprio. “Apaziguar para não revoltar” e “assustar para dar medo” são formas de controle que conseguimos ver refletidas em nossa sociedade.

Sendo a criação da oficina anterior à ascensão da imagem Redpill-incel⁷, não contávamos com a simbologia ser distorcida e transformada em discurso de ódio, e por isso, por motivos éticos, as imagens das pílulas azuis e vermelhas, que faziam alusão à Matrix, foram retirados da oficina e substituídos pela dicotomia do “controle pela felicidade-controle pelo medo” ao adicionarmos à equação a obra de Huxley.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de participar da oficina de *fakenews*, e depois ter a chance de alterar a mesma oficina, me atravessou, me tocou, no dizer de Larrosa (2002). O processo foi – e tem sido lento – como pede o cuidado ao olhar/escutar as palavras em um mundo tão polarizado e dominado por disputas narrativas. Desde 2022, e sob a égide da pesquisa psicanalítica (em abertura para outros modos de ler o mundo), o *Isso Existe* tem verificado a pertinência desta oficina para incentivar a criação, pensamento crítico e um modo instigante de convidar o debate contemporâneo sobre *fakenews* em espaços educativos; elementos indispensáveis para o repertório de futuros professores. Ao estudar sobre o poder das palavras e os mecanismos antigos e contemporâneos de deturpação da língua foi possível propor uma nova versão para a oficina, na aposta de que a discussão alcance melhor esta geração. Enquanto o estudo sobre *fakenews* encontrava a realização desta oficina nas salas de aula da Faculdade de Educação da UFRGS, e vice-versa, era a minha trajetória docente se fazendo, se tecendo. Entre oficineiro e

⁷ Redpill-Incel são indivíduos que mantêm a crença na supremacia branca, na narrativa da opressão de homens pelo movimento feminista, além de negarem o Holocausto e serem ante imigrantes. Red pill vem justamente de uma apropriação do filme Matrix, de 1999, e Incel vem da expressão inglesa Involuntary Celibate, celibato involuntário.



oficinante, penso que contribuí para mais uma história de educação nas páginas do *Isso Existe*.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. “A Educação após Auschwitz”. In: **Os grandes cientistas Sociais**. São Paulo : Ática, 1984.

BREY, P. Values in technology and disclosive computer ethics. **The Cambridge Handbook of Information and Computer Ethics** pp. 41-58. Cambridge. 2010.

DUNKER, C. I. L. Crítica e ideologia em tempos de “pós-verdade”. [S.l.]: **Instituto de Psicologia**, Universidade de São Paulo. 2017.

FERREIRA, J. G. Capas de revista veja: significados explícitos e implícitos. **ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, 2014.

FRAXANET, E. *et al.* Analyzing news engagement on Facebook: tracking ideological segregation and news quality in the Facebook URL dataset. **EPJ Data Science**. v. 14, 73. 2025.

HUXLEY, A. Admirável mundo novo. [s.l.] **Globo Livros**, 2014.

KAHAN, D. M. Ideology, motivated reasoning, and cognitive reflection. **Judgment and Decision Making**, v. 8, n. 4, p. 407–424, jul. 2013.

KLEMPERER, V. LTI: A linguagem do Terceiro Reich. Rio de Janeiro. **Contraponto**, p. 14. 2009.

KUMAR, S., *et al.* Peeping into the Future: Understanding and Combating Generative AI-Based Fake News. **Cognitive Computation**. v. 17, 103. 2025.

LANGIN, K. Fake news spreads faster than true news on Twitter—thanks to people, not bots. **Science**, 8 mar. 2018.

LARROSA, Jorge. Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor. 1. ed. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**. 2018.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MATRIX; Direção: Lana Wachowski. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: **Warner Bros**, 21 maio 1999. DVD

MILMANN, E., *et al.* Psicanálise, educação e distopia: sobre os efeitos dos modos de operar na/a linguagem. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 25, n. 00, p. e023007, 2023.

MOMBACH, V. V. 1984 e Admirável Mundo Novo: uma análise comparativa. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras - Inglês) - **Universidade Regional Do Noroeste Do Estado**, Ijuí, 2017.



NÓVOA, António. Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar. Colaboração de Yara Alvim. Salvador: **SEC/IAT**, 2022.

SANTAELLA, L. A semiótica das Fake News. **Verbum**, S. l. v. 9, n. 2, p. 09-25, 2020.

WELLS, H. G.; GOREY, E. The war of the worlds. New York: **New York Review Books**. Berkeley, Calif, 2005.

WESTIN, R. Em 1922, eleição presidencial teve fake news e resultado questionado. **Senado Notícias**, Brasil, 1 de setembro 2022. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1922-eleicao-teve-fake-news-e-resultado-questionado>>. Acesso em: 05 abr. 2026.

